



Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Anais

IV Seminário Internacional Sociedade Inclusiva

Propostas e ações inclusivas: impasses e avanços

Belo Horizonte
17 a 20 de outubro de 2006

Sessões de Comunicações

Realização:



O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA INCLUSÃO SOCIAL

Alberto Bauer Brinati

Universidade Federal de Minas Gerais

Ana Flávia Leão Pereira

Universidade Federal de Minas Gerais

André Alves Fernandes

Universidade Federal de Minas Gerais

Pedro Américo de Souza

Universidade Federal de Minas Gerais

Avenida Carlos Luz, 4664. Pampulha. CEP: 31310-250, Belo Horizonte, MG.

Telefone: (31) 3499-2361

E-mail: pedro@eef.ufmg.br

Introdução

Atualmente, é cada vez mais propagada pela mídia a importância da prática de atividade física regular para a prevenção, promoção e recuperação da saúde. Esta, de acordo com o conceito da Organização Mundial de Saúde (OMS), pode ser compreendida como um estado de bem-estar físico, psíquico e social, evitando-se

que seja entendida simplesmente como a ausência de doenças ou enfermidades. Com isso, a Educação Física teria muito a contribuir, uma vez que já são reconhecidos os efeitos benéficos do exercício físico nas funções físico-psíquicas e, ainda, como mediadora da interação social.

Apesar de já ter sido documentada na literatura científica a prática esportiva, por chineses, com finalidades reabilitativas, há mais de 5.000 anos foi somente no momento pós-guerra – mais especificamente no Hospital de Stoke Mandeville (Inglaterra) – o esporte com essa conotação ganhou maior destaque devido aos milhares de combatentes que se tornaram deficientes auditivos, visuais ou físicos. As atividades físicas e esportivas fizeram parte de um programa de reabilitação, sendo consideradas como importante auxiliar na recuperação desses veteranos de guerra. Tais atividades tinham como finalidades exercitar o corpo, combater o tédio da vida hospitalar e ajudar na recuperação psíquica e social. Os esforços dessa nova técnica se deve ao médico alemão Ludwig Guttmann, constituindo um ponto de partida para a organização não somente do esporte adaptado, como também ampliou os estudos na área de atividade física adaptada no contexto mundial, inclusive no Brasil.

Castro (2005) diz que a Atividade Física Adaptada (AFA) é um programa diversificado de atividades desenvolvimentistas, jogos, esportes, atividades rítmicas e expressivas, apresentando uma organização baseada em interesses, capacidades e limitações de indivíduos com deficiências. De acordo com Souza (*In* RODRIGUES, 2006), o termo “atividade física adaptada” engloba os âmbitos da educação física e do esporte, lazer, reabilitação, saúde e condicionamento físico de pessoas com limitações e/ou deficiências em todas as faixas de idade.

Neste sentido, o esporte de reabilitação, como uma das formas de manifestação da AFA, se refere mais especificamente ao uso de recursos adequados da Educação Física e do esporte à preparação final para a inclusão ou reinserção de pessoas com deficiência na sociedade. Shüle, citado por Souza (1994), vê o esporte como um meio de reabilitação holístico e contínuo que se orienta para a melhora do indivíduo como um todo e não apenas para melhorar uma função específica.

Partindo desta perspectiva, compreende-se que o universo da educação física adaptada inclui pessoas cegas jogando futebol, pessoas com surdez

praticando danças, pessoas com hemiplegia nadando, constituindo um amplo universo de possibilidades sociais. À medida que essas pessoas se engajam no processo de aprendizado e tomam parte de desafios, elas constroem a percepção da identidade de uma pessoa ativa fisicamente, passando a ser (e ser vista como) uma pessoa com uma diferença significativa que joga futebol, que gosta de nadar, que dança, entre outros. Nesse processo, dá-se ênfase a aprender a conviver com a adversidade e superá-la, num plano educacional orientado por professores que, cientes das necessidades e dificuldades, saibam valorizar os potenciais remanescentes de maneira que a pessoa não mais se veja apenas como portadora de limitações e deficiências, mas também como uma pessoa capaz.

A participação em programa de atividades físicas promove o fortalecimento pessoal (dimensão individual), fortalecimento interpessoal (dimensão grupal) e fortalecimento político (dimensão social/sociedade), promovendo, respectivamente, autonomia para que a pessoa lidere a sua própria vida, desenvolva o sentimento de pertencer e se identificar com um grupo e a segurança para exercer uma influência na sociedade.

O projeto “Esporte Aplicado à Reabilitação de Deficientes Físicos”

O Centro de Estudos do Esporte para Portadores de Deficiência (CEPODE), localizado na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é um laboratório que envolve ensino, pesquisa e extensão.

Através do seu projeto de extensão “Esporte Aplicado à Reabilitação de Deficientes Físicos”, criado em 1979, atua com um público que apresenta seqüelas neurológicas (paralisia cerebral, lesões medulares, acidente vascular encefálico, traumatismos cranianos), doenças degenerativas (esclerose múltipla, esclerose lateral amiotrófica e distrofia muscular) e doenças metabólicas e cardiopatias.

O coordenador do projeto, Prof. Dr. Pedro Américo de Souza, vem desenvolvendo teorias acerca da Estimulação Neuropsicossocial, neuroplasticidade e superação emocional, sendo aplicadas na intervenção, possibilitando aos alunos

atendidos no projeto uma otimização das funções comprometidas, bem como das sociais e emocionais.

Além disso, o projeto capacita os estudantes da graduação em Educação Física para atuar na área de reabilitação e do esporte adaptado.

Metodologia e objetivos

O método desenvolvido no CEPODE/UFMG é denominado Estimulação Neuropsicossocial e envolve os seguintes aspectos:

- Estimulação neuromotora;
- Estimulação psíquica visando à superação emocional da deficiência física;
- Inclusão social.

1- Estimulação Neuromotora

A Estimulação Neuromotora é feita com recursos adequados do esporte e da Educação Física, aplicados à reabilitação. Entre os recursos utilizados podem ser citados: educativos de corridas e marcha atlética (“Escola da Marcha”) combinados com exercícios de musculação e baseados na teoria do treinamento esportivo e na psicologia da motivação. Os estímulos precisam ser capazes de proporcionar a resposta desejada, viabilizando as células neurais a ter um poder plástico (neuroplasticidade).

2- Estimulação psíquica visando à superação emocional da deficiência física

O trabalho realizado procura interferir não só na reativação física, mas também na reabilitação emocional do aluno. Para isso, a programação inicial é estruturada para mostrar ao mesmo que ele é capaz e que a educação física é uma opção adequada para ele. O aluno é incentivado a realizar todos os exercícios de forma ativa, sem exercícios passivos, dentro de suas possibilidades. Nesse sentido, é muito importante permitir a realização de movimentos dentro de um estilo de execução particular, pois, embora existam técnicas e/ou padrões de movimentos

que favoreçam maior eficiência motora, em muitas situações torna-se mais importante garantir a participação efetiva. Deve-se ressaltar os potenciais remanescentes e relativizar os comprometimentos.

Procura-se desenvolver a concepção da doença ou da deficiência como um desafio a ser superado, e não como uma catástrofe. Considera-se que, se a doença é incurável ou se a deficiência é irreversível, o estado emocional não é imutável e a qualidade de vida pode ser melhorada. Assim, procura-se transformar o paciente (o aluno) como um agente ativo de seu processo de reabilitação, para evitar a dependência física e emocional e o *drop-out*, e para que o mesmo, futuramente, se sinta capaz de interferir positivamente em seu estado emocional e social.

Com a melhora da condição física proporcionada pelo treinamento, capacita-se o reabilitando para realizar atividades físicas, em um volume e intensidade com potencial de provocar a produção de elementos bioquímicos, capazes de interferir positivamente no psiquismo do reabilitando (aminas e endorfinas, por exemplo).

3- Inclusão social

Tipicamente, o professor de Educação Física é tido como um elemento participante no processo de ensino-aprendizagem de habilidades motoras e esportivas de seus alunos, mas, quando ensina, ele transmite valores, normas e maneiras de pensar e de agir; portanto, deveriam ser metas principais de um programa de atividade física, para portadores de deficiência, equipar o aluno com habilidades que vão durar por um longo período de sua vida e que garantiriam o sucesso em sua inclusão.

A inclusão é um processo amplo, que implica transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, inclusive da própria pessoa com deficiência. Dessa forma, na medida em que a atividade física proporciona uma melhora da auto-imagem, da autoconfiança e da auto-estima da pessoa, esta passa a se ver com maior autonomia para dirigir a sua própria vida e, assim, se estabelecer em um convívio social onde as diferenças são respeitadas.

O projeto mencionado atende a, aproximadamente, 80 pessoas num período de 3 horas, duas vezes por semana. Caracterizando-se como uma atividade em grupo, isso proporcionaria a reestruturação do convívio social, criando-se um novo

círculo de amigadas, em um novo ambiente, uma vez que a participação em um programa de atividades sempre oferecerá oportunidades de interação social, especialmente quando a atividade for realizada sistematicamente e/ou ofertada a longo prazo.

Ao reabilitando se oferece a oportunidade de participar de um convívio ativo e positivo, visando ao seu bem-estar e proporcionando novas e positivas interações psicossociais, já que o isolamento e a desvalorização social podem provocar depressão, o que poderia significar o abandono das atividades exercidas.

Resultados e considerações finais

A sociedade brasileira, atualmente, ainda se encontra despreparada para lidar com pessoas com deficiência e, muitas vezes, essa situação é demonstrada através do desrespeito, preconceito e marginalização vivenciados por essas pessoas. Mas vem se observando uma mudança de atitudes com relação às pessoas com necessidades especiais e sua inclusão social, principalmente através das atividades físicas e esportivas, como é citado por Teixeira (2006). Isso pode ser ilustrado, por exemplo, pelos inúmeros congressos, debates, encontros, simpósios, cursos, além do grande número de trabalhos publicados em revistas científicas envolvendo essa temática.

O trabalho realizado pelo CEPODE/UFMG é um exemplo de projeto da Educação Física que se preocupa em atender pessoas com deficiência possuindo bases conceituais que podem ser aplicadas à reabilitação. Ele tem se mostrado eficaz e capaz de ampliar as condições de reabilitação neuromotora, social e emocional dessas pessoas, além de contribuir na prevenção secundária e na adoção de um comportamento orientado para a saúde.

Sarrias (1976, *In* SOUZA, 1994), é de opinião que o esporte não representa apenas uma atividade recreativa, mas sim um ótimo suplemento à fisioterapia. Tem, além disso, um grande valor na reabilitação psicológica e social da pessoa com deficiência. Em relação a isso, pode-se entender que a educação física não deve ser vista como um suplemento à fisioterapia, deve ser entendida como na visão de Battistella *et al.*, citado por Souza (1994), que vêem a educação física como “um

recurso ímpar dentro do programa de reabilitação dos deficientes físicos”. Tais fatos devem influenciar o pensamento a respeito do uso da atividade física para melhorar capacidades físicas, coordenativas, habilidades dessas pessoas, como também agir no processo de inclusão.

Além disso, a prática de atividades físicas constitui um extraordinário recurso para aprender a ser e a conviver. A participação de uma pessoa com deficiência em um programa de atividade constitui uma saudável forma de lazer ativo, que promove envolvimento e interação da mesma, não somente com seus pares, como também com todas as pessoas envolvidas no processo, com o intuito não só de aperfeiçoar habilidades físicas e sim de enriquecer as habilidades de relacionamento.

Concordamos com Araújo (2003) quando ele diz:

A inclusão é o resultado da soma das oportunidades bem sucedidas que são possibilitadas a qualquer cidadão e não somente dos decretos, sem oportunizar o real acesso às oportunidades e aos meios para superar os desafios que promovam o seu desenvolvimento.

Concluimos então ser indispensável que o professor de Educação Física saiba trabalhar com as populações especiais e, assim, ser essa área um dos caminhos para alcançar a aceitação e/ou inclusão social dessas pessoas.

Referências

- ARAÚJO, P. F. O desporto adaptado no Brasil. In: SESC/SÃO CARLOS. **Desafiando as diferenças**. São Paulo: SESC, 2003. p. 82-93.
- CASTRO, E. M. **Atividade física adaptada**. São Paulo: Tecmedd, 2005.
- SOUZA, P. A. **O esporte na paraplegia e tetraplegia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994.
- SOUZA, P. A. Introdução. In: SESI-DN. Ministério do Esporte e Turismo. **Lazer, atividade física e esportiva para portadores de deficiência**. Brasília: SESI-DN, 2001.
- SOUZA, P. A. Educação Física, Esporte e Saúde: efeitos preventivos, de reabilitação e terapêuticos. In: RODRIGUES, D. **Atividade motora adaptada – a alegria do corpo**. São Paulo: Artes Médicas, 2006.
- TEIXEIRA, L. Atividade física adaptada e saúde – atualidades e perspectivas. **Informe Phorte**, a. 8, n.19, p.11-12, abr./set. 2006.